



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



## **DESPERTANDO JUDITES: EXPERIÊNCIAS DE CRIAR E APRENDER DANÇA COM CRIANÇAS**

Autor: Carlos Eduardo Oliveira do Carmo

Coautores: Fatima Campos Daltro de Castro

Lucas Valentim Rocha

Eixo temático: Educação e Pesquisa em Espaços não Formais

### **Resumo**

Este trabalho trata de uma proposta de Curso de Dança Contemporânea para o público infantil, realizado na cidade de Salvador, com um grupo da Instituição Beneficente Conceição Macedo (IBCM), que atende crianças em convívio com o vírus HIV. Este curso se propôs a sistematização de procedimentos metodológicos no desenvolvimento da criação em Dança a partir da exploração dos elementos cênicos e pesquisa de movimento da obra coreográfica "Judite quer chorar, mas não consegue!". Dialogamos com Howard Gardner (1999), Fernando Hernandez (2010) para tratar de processos educacionais pela arte.

Palavras-chaves: Dança, Processos Educacionais, Criação Artística

### **Abstract**

This work is a proposal for Contemporary Dance Course for children, held in Salvador, with a group of Benevolent Institution Conceição Macedo (IBCM), which serves children living with HIV. This course is proposed to systematize methodological procedures in the development of creation in Dance from the exploitation of scenic elements and movement research of choreographic work "Judite quer chorar, mas não consegue!". Dialogue with Howard Gardner (1999), Fernando Hernandez (2010) to treat about educational processes for art.

Keywords: Dance, Educational Processes, Artistic Creation

**No bater de asas das pequeninas Judites...**

Daqui não perdemos de vista que as práticas educativas respondem a movimentos sociais e culturais que vão mais além das paredes da escola, que as práticas da Educação Artística constituem reflexos de problemáticas na sociedade, na arte e na educação (HERNANDEZ, 2010, p.41).

Esta escrita trata de apresentar a proposta de um Curso de Dança Contemporânea para o público infantil, assim como analisar a experiência vivenciada no período compreendido entre Novembro (2012) a Abril (2013), na Instituição Beneficente Conceição Macedo (IBCM), localizada no bairro de Pernambués, em Salvador/Bahia. Este curso se propôs a sistematização de procedimentos metodológicos para crianças com vista no desenvolvimento da criação de movimentos a partir da exploração dos elementos cênicos e da temática da obra "Judite quer chorar, mas não consegue!" - do coreógrafo e dançarino Edu O.

A partir das experiências com as oficinas ministradas nas temporadas do espetáculo "Judite quer chorar, mas não consegue!", no Palacete das Artes Rodin Bahia (2008), Circulação pelo interior da Bahia (2010) e Espaço da Caixa Cultural de Salvador (2011), surgiu a proposta "Despertando Judites". Durante a experiência percebemos a riqueza de se criar um espaço artístico para experimentação e criação artística junto a crianças e jovens e na possibilidade de colaborar com a formação de professores, permitindo que estes vivenciem novas possibilidades de desenvolvimento e crescimento dos alunos, a partir da utilização de novos elementos e novas formas de atuação.

"Judite quer chorar, mas não consegue!" foi um projeto criado em 2006, como espetáculo de Dança e com esta configuração continua circulando por muitas cidades brasileiras e algumas no exterior, O trabalho que, inicialmente, não tinha como objetivo atingir especificamente o público infantil foi aos poucos absorvendo este público que hoje se tornou majoritário nas apresentações.

As crianças se encantam com a história de Judite, uma lagarta que se recusa a virar borboleta com medo do mundo a espera, até que sonha brincando com as pipas e vê a possibilidade de voar. A coreografia aborda temas complexos como a solidão humana, o medo, a resistência às transformações naturais e inerentes ao processo de amadurecimento e crescimento do homem, mas com sua estética e pesquisa de movimento baseadas nas histórias em quadrinhos e nos desenhos animados. O espetáculo propõe, acima de tudo, uma reflexão sobre a solidão humana, questionando o ser indivíduo numa contemporaneidade padronizada e repleta de repetição de símbolos e ícones.

Com o intuito de aprofundar a pesquisa corporal realizada durante o processo de criação do espetáculo, percebeu-se a necessidade de promover oficinas junto às crianças. Assim, iniciou-se, em 2008, no Palacete das Artes Rodin Bahia, uma temporada de seis semanas, distribuídas em três meses (Outubro, Novembro e Dezembro), onde ao final das apresentações era realizada a oficina "Brincando de ilustrar". As crianças criavam uma nova história para a lagarta que não quer virar borboleta, escreviam, ilustravam a história criada e depois vivenciavam no próprio corpo a corporalidade da evolução da lagarta. Os experimentos propostos exploravam o corpo do invertebrado, o casulo, até chegar ao momento do vôo. Esta proposta foi realizada também durante a Circulação do espetáculo pelo interior da Bahia em 2010, através do Edital Ninho Reis 2009 e também na temporada no Espaço da Caixa Cultural de Salvador, em 2011.

Sempre com interesse pelas diversas linguagens artísticas, os exercícios contemplavam não só a dança, mas também artes visuais, literatura e música. No trabalho corporal as crianças faziam as explorações inseridas no cenário do espetáculo, então podiam experimentar o que haviam assistido resignificando com seus corpos aquele ambiente e aquela coreografia. Experimentavam o corpo da lagarta em espaços diferentes, no macio do colchão (casa de Judite) e depois na rigidez do solo. O silêncio e a pausa eram trabalhados em relação com a rosa (signo do afeto). Na escada (símbolo do futuro) testavam equilíbrio, apoio e queda. Por fim, utilizavam a cadeira de rodas (janela de Judite) de maneiras diferentes, observando a riqueza de possibilidades que os objetos oferecem. Neste momento criavam uma borboleta com dobradura de papel e naturalmente saiam correndo pelo pátio do museu, colocando a borboleta para

voar.

Toda essa experimentação suscitou o interesse de sistematizar para um grupo específico, em 18 encontros, os princípios coreográficos (que resultaram no espetáculo) e os procedimentos metodológicos desenvolvidos nas oficinas, a partir de jogos e elementos cênicos construídos especialmente para o projeto “Despertando Judites”.

A IBCM é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1989, por Conceição Macedo. A instituição atua na prevenção do HIV/AIDS e também oferece apoio às pessoas que convivem com o vírus, assistência a moradores de rua, acompanhamento a gestantes que possuem o vírus – para que a criança não venha a adquirir a doença no parto – creche em horário integral para crianças que convivem com o vírus, além de uma pesada campanha em combate a discriminação dos portadores do HIV/AIDS. A creche abriga 70 crianças que recebem reforço escolar, além das refeições e acompanhamento médico. Aos jovens são desenvolvidos cursos de artesanato, atividades culturais e pedagógicas.

O projeto que desenvolvemos junto a esta instituição tinha como princípio norteador das investigações corporais a técnica de dança do contato improvisação - *Contact Improvisation* - para ampliar potencialidades latentes na criação e aprendizagem de danças, compreendendo que processos e configurações corporais (sejam de que natureza for) são instâncias singulares. Ou seja, “Um corpo não transfere para o outro o que aprendeu, não há depósitos e adiantamentos de informações nos corpos. Experiência não se empresta.” (BITTENCOURT, 2012, p. 83).

O Contato Improvisação é um modo de organização em dança que se constrói através de ações dialógicas entre os parceiros. Aborda o corpo a partir de um estudo mais profundo dos movimentos, estimulando ações baseadas em princípios de organizações reais, criadas no momento e na ação de atuar. Aqui o corpo é exposto repetidamente a novos modelos perceptuais e desafiadores através da escuta corporal. O contato é físico, mas se articula com o emocional que dá sentido e contextualiza a comunicação humana. Com esta prática o indivíduo é estimulado a descobrir sua própria linguagem, sendo encorajado a explorar seus movimentos. Cada um é agente tendo o controle sobre sua própria aprendizagem, possibilitando o fortalecimento da autonomia. A forma de dançar surge da experiência e das estratégias que o corpo pode estabelecer consigo mesmo e com o parceiro de dança. Esta característica de sociabilidade deste tipo de dança permite o improviso em conjunto, não importando o nível individual de conhecimento técnico ou corporal. É uma dança que pode ser praticada por pessoas de todas as idades e diferentes limitações corporais, por este motivo vem sendo uma fonte de informação sobre novos desenvolvimentos em dança e seu entendimento.

Neste sentido o projeto se propunha a pensar uma dança implicada no desenvolvimento criativo-cognitivo e motor da criança, estimulando as potencialidades latentes para criar resultados significativos na criação e na aprendizagem de danças que ocorrem no trânsito entre corpo/sujeito e ambiente/contexto pois:

“Quando um corpo se move em dança, há todo um mundo que se move em torno e com ele. [...] Para que um corpo crie movimento um mundo de relações se estabelece. São acordos múltiplos, que se tecem entre o corpo (que por si só já é um conjunto plural) e o ambiente que se dobra e desdobra em contextos que orbitam em torno de danças sígnicas e participam dela. [...] Estamos falando de um corpo que problematiza os seus relacionamentos com o ambiente e busca soluções no próprio mover-se.” (TRIDPALLI, 2008, p. 10)

“O corpo ao dançar, organiza o que antes era possibilidade, discerne lógicas de movimentos, informações de um processo. É corpo o tempo todo, não há mágica para se dançar. Corpo/sujeito “vivente” e coimplicado no ambiente cultural, social, político, por isso, “coletivizado” e corresponsável na produção de informações, que aprende, porque aprender é o único modo para se continuar existindo e sobrevivendo no mundo.” (TRIDAPALLI, 2008, p. 24)

Pode-se dizer, a partir dessa reflexão, que a ação de construir significados (estabelecer coerências) trata de aspectos singulares a cada sujeito e determinantes na relação dinâmica e dialógica de criar e aprender. Tal experiência é possível de ser observada nos processos de criação, quando, por exemplo, os participantes (neste caso as crianças e os professores) estabelecem conexões, propõem aproximações, cruzam informações, e provocam outras organizações, afinal, não se constrói o novo do nada, trata-se sempre de outras articulações.

Incluímos nesta observação os professores, pois sabemos também da necessidade de instrumentalização para lidar com a criação como processo de aprendizagem para professores do ensino infantil, embora esta proposta não seja uma oficina direcionada para esses profissionais (ideia que servirá para uma segunda etapa deste projeto) eles também foram contemplados na medida em que foram convidados a participarem como ouvintes e colaboradores nos dias de oficina. Possibilitando assim, a compreensão do que foi trabalhado com tal proposta de entendimento da dança, favorecendo a manutenção dos conceitos trabalhados e possibilidades criativas no desenvolvimento corporal da criança.

A seleção das proposições, imagens, desenhos, fotografias e dos objetos utilizados nas oficinas junto ao grupo de crianças da IBCM, seguiram caminhos que, e de acordo com os assuntos elencados, deram margens a outras invenções. Isto porque, à medida que os participantes tinham acesso às proposições, as relações que eles estabeleciam com os objetos elencados foram disparadoras de ideias (espaciais, gestuais, comportamentais), que exigiam do grupo de professores imediatas reorganizações do assunto. Não se pretendia deixar escapar o que se estava construindo/despertando no momento. Caracteristicamente, um processo colaborativo que observa a escuta do outro, suas necessidades e proposições entendidas como um bem comum, no desejo de alcançar certos resultados que facilitassem o acesso às informações que iam surgindo no percurso de cada encontro. Neste caso, promover experiências em dança para pessoas (crianças) em situação de convívio com o vírus HIV.

Foram muitos os desvios e frutíferos seus alcances, no entanto, acreditamos que essas ações poderão, num futuro próximo reverberar em suas vidas. Isto porque, quando trabalhamos sob a perspectiva da arte, sejam elas em qualquer linguagem, os dispositivos perceptivos que são acionados, como bem explica o Arte Educador, Fernando Hernandez (2009), não separam o sujeito que aprende e o que ensina (com suas inquietudes, temores) do processo de ensinar e aprender a compreender o mundo e as situações emergentes. Aqui se encontram implicadas as relações dos sujeitos consigo mesmo e com os outros. A possibilidade de favorecer uma concepção do sujeito que é capaz de se apaixonar por aprender de forma crítica se a oportunidade lhe é dada.

O trabalho se centrou em desenvolver experiências perceptivas no campo da dança, através de jogos lúdicos, exploração espacial e de objetos vinculados à estória de uma lagarta chamada Judite. Interessava, neste sentido observar o interesse dos participantes quando um dado assunto era disponibilizado, para em seguida aprofundar em ideias que, aos poucos, iam se ajustando as experiências em dança configuradas através da criação de histórias, exploração dos objetos, dinâmicas espaciais (distâncias, aproximações, lados direito e esquerdo) tendo como referência a obra artística "Judite quer chorar, mas não consegue!".

Um dos pontos principais do projeto se refere ao registro e publicação de todo o processo que resultou num livro (no prelo) de fotos, textos, desenhos, esquemas coreográficos que servirá como um guia para professores, possíveis multiplicadores dessa ideia. Consideramos este material de extrema importância porque será um legado através do qual haverá inúmeros desdobramentos da proposta inicial, proporcionando assim sua continuidade em outros meios, atingindo um número maior de pessoas.

Entende-se que a práxis educativa pelo viés da dança pode potencializar as aptidões latentes, um meio para que cada qual possa criar suas próprias danças, compreendendo, tanto o seu processo criativo, quanto aquele utilizado na referida obra. Ao utilizar um processo de educação respeitando e incrementando atitudes e a concepção que já tem cada pessoa a respeito da dança (arte) sem a imposição de um programa de estudo predeterminado, se está possibilitando a vivência valiosa que não devem ser

anuladas. Todo processo de ensino aprendizagem se encontra intrinsecamente relacionado ao ambiente contexto onde se está inserido, e o corpo, aqui entendido como uma mídia de si mesmo (GREINER e KATZ, 2005) apto cognitivamente para construir conhecimentos e dialogar com os diversos mundos possíveis que se lhes apresentam.

Os exercícios propostos buscavam meios para que em grupo ou individualmente, cada criança pudesse expressar suas ideias, sentimentos e conceitos que lhes são mais importantes. Logo, os princípios trabalhados buscaram meios para que as crianças se confrontassem consigo mesmas e pudessem expressar suas próprias visões de mundo.

Fomentar a compreensão de espacialidades e sensibilização estética é outro ponto de interesse desse projeto, conseqüentemente, o desenvolvimento da autonomia e da expressão corporal de cada sujeito de alcance artístico intensamente singular e intrinsecamente social. Este projeto se configura em estímulos de exploração de um ambiente construído ludicamente, onde os participantes (as crianças) encontram diferentes possibilidades para pesquisas corporais que possam interagir nos elementos dispostos no momento das proposições. Os exercícios foram orientados com o objetivo de estimular a criatividade através da dança, do brincar e da ludicidade, percepção corporal, noção de espacialidade, contato com o outro, utilização de diferentes linguagens artísticas como forma de auto-expressão, ajustando em si mesmo sua capacidade afetiva, cognitiva, ética, estética e de relação interpessoal, com o intuito de estimular a criação de histórias dançadas.

Numa proposta que visava unir diferentes linguagens como literatura, artes visuais, dança, teatro e música, as crianças foram estimuladas a desenvolverem um roteiro com criação de personagem, corporalidades, ambientes, e construção de imagens.

### **Metodologia da lagarta**

O curso foi dividido em quatro módulos, havendo fusão entre as atividades, de acordo com as necessidades. A divisão em módulos não significa uma cronologia de execução, mas uma organização e sistematização dos conteúdos e atividades logicamente inter-relacionadas e flexíveis:

#### MÓDULO 01 – SE ESTA RUA FOSSE MINHA

No mundo cultural os símbolos e simbolizações são tão intensos que é difícil encontrar nessa esfera algo que não tenha significado. Esse é um ponto de interesse do projeto, por isso mesmo o uso de objetos cênicos e suas respectivas reconfigurações tem papel importante na exploração de sensibilizações. Basta olharmos a própria vida cotidiana que nos deparamos com um fluxo intenso de símbolos, compreendê-los é algo necessário em todos os aspectos para podermos estabelecer as relações possíveis, aquelas em que um elemento determinado ou um conjunto de elementos ali contidos representam certos objetos ou experiência do mundo, inevitavelmente, esses símbolos invadem o território da arte.

Assim pensado os trabalhos observam aspectos como trabalho de espacialidade, explorando a arquitetura existente no local de trabalho, os ambientes que serão construídos com os elementos próprios da pesquisa, os espaços do corpo e espaços imaginados, e também reconhecimento dos espaços, apropriação destes, “corporificação” dos espaços construídos com os objetos produzidos a partir dos elementos cênicos. De forma gradativa buscamos trabalhar o empoderamento nas crianças, compreendendo o corpo também como espaço a ser descoberto.

#### MÓDULO 02 – MÃO NA MASSA

Criação dos objetos para a pesquisa (casulo de tecido, tapete com a trajetória de Judite, tubo de tecido), trabalhos manuais com massa de modelar/argila dando corpo a objetos, desenhos, objetos em arame, colagem e pintura. Neste módulo foram aplicadas, a partir dos objetos, as propostas corporais oriundas do espetáculo Judite quer chorar, mas não consegue!

### MÓDULO 03 - QUEM CONTA E CANTA UM CONTO DANÇADO...

Coreografando histórias no corpo; Produção de textos; Contação de história. Estimular a criação de histórias próprias, criando novas Judites a partir das experiências e interesses de cada participante, o que acarretou num trabalho complexo, com inúmeras possibilidades corporais vivenciadas tanto individualmente quanto coletivamente, quando as crianças compartilhavam suas experiências, movimentos e suas danças. Trabalhou-se também com Contação de Histórias e cirandas de músicas infantis, com intuito de estimular a produção de novos textos, estimular a fantasia, a criatividade, construção de novos ambientes.

### MÓDULO 04 – OLHANDO A HISTORIA ATRAVÉS DA MÁQUINA

Registro em fotografia organizado pelos participantes das oficinas, buscando valorizar as sensibilidades dos diversos olhares. Bem como chamar atenção para novos olhares através de recortes espaciais, percepção de detalhes e do todo, e observação de texturas.

#### **Borboletando conclusões**

Pudemos observar durante todo o processo de realização do projeto Despertando Judites que estreitar a relação entre o público infanto-juvenil e a arte é uma ação importante para o estímulo da sua formação integral. Gardner (1994), explica que durante as etapas de habilidades artísticas dos anos pré-escolares, não é necessário intervir ativamente. Para ele, basta facilitar os materiais para que esses pequeninos se envolvam em suas próprias imaginações, muitas vezes despercebidas pelos professores. Criar, inventar, imaginar são ações que envolvem certos níveis de interpretação e organizações neuronais (HERNANDEZ, 2010; GARDNER, 1994). Muitas crianças vivem envoltas por mensagens estéticas em seu cotidiano e muitas vezes tais mensagens não são aproximadas de uma reflexão, não possibilitam uma interação aprofundada ou um olhar crítico sobre as mesmas e os símbolos (artísticos ou não) que ali estão dialogando. Gardner (1994) chama a atenção para o fato que desenhos e metáforas fazem parte do universo infantil, e que a compreensão da infância se limita a seus encontros reais com os objetos e pessoas de seu mundo. Logo, além de conhecer o mundo diretamente, pode captar e se comunicar seu conhecimento de coisa e pessoas através de muitas formas simbólicas tais como, a linguagem, os gestos, os sons, bem como dos diversos movimentos do corpo. Viabilizar os instrumentos para que a criança na tenra idade exercite sua via artística tem lugar de interesse nesse projeto.

Sabe-se, e é evidente, que a cidade, os museus, os objetos domésticos e escolares, apresentam informações que vão ao longo do tempo moldando o olhar e o pensamento estético de meninos e meninas envoltos nesses contextos, inclusive os adultos. Gardner (1994) explica que quanto mais acesso a trabalhos artísticos que favoreçam experimentos e que possam ser criados livremente quando pequenos, a chance de voltarem a retornar a essas atividades artísticas é grande. Logo, ao propor experiências em arte de maneira autônoma e criativa, se estará favorecendo a exploração do seu potencial criativo e imaginativo. Ou seja, estimulando-a a conhecer produtos de diferentes linguagens artísticas a partir de seus próprios critérios de seleção, o que a posicionará como agente ativo em sua percepção. Desafios que instigam sua curiosidade e abrem as brechas para as possíveis relações entre suas diversas capacidades de crescimento e aprendizagem pessoal e cultural. Através da arte o sujeito acessa seus conteúdos internos integrando o consciente ao inconsciente reestruturando comportamentos e ações. Certamente, o acesso ao meio artístico lhe proporcionará uma via especial, e até única, de abordar temas importantes que, enquanto jovens, ainda não conseguem explicar verbalmente.

#### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Ana Mae, COUTINHO, Rejane. **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**, (org.). São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GARDNER, H. **Education artística e desarrollo humano**. Barcelona: Ed. Paidós, 1999.

GREINER, Cristine, KATZ, Helena. **Por um teoria do corpomídia**. O corpo: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Ed. Annablume, p. 125-134, 2005.

HERNANDEZ, Fernando. **Educación y Cultura Visual**. Barcelona: Ed. Octaedro. 2010.

MACHADO, Adriana. **A natureza da permanência: processos comunicativos complexos e a dança**. Dissertação de Mestrado – PUC/SP, São Paulo, 2001.

TRIDAPALLI, Gladistoni. **Aprender investigando: a educação em dança é criação compartilhada**. Dissertação de Mestrado – UFBA/BA, Salvador, 2008.

## **Nota**

Carlos Eduardo Oliveira é mestrando em Dança pelo PPGDANÇA/UFBA, bolsista Capes. Bacharel em Artes Plásticas, com especialização em Arteterapia e coreógrafo/intérprete do Grupo X de Improvisação em Dança. Participa do Grupo de pesquisa PROCEDA. Email: [eduimpro@gmail.com](mailto:eduimpro@gmail.com)

Profa. Dra. Fátima Campos Daltro de Castro - Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia/UFBA. Pós-doutorado pela Faculdade de Belas Artes-Universidade de Barcelona-CAPES/MEC/2011. Líder do Grupo de Pesquisa Poética da Diferença, articulando a pesquisa artística e acadêmica, ênfase em acessibilidade. Membro do Colegiado de Dança/PPGDANÇA. Coreógrafa/dançarina do Grupo X de Improvisação em Dança. E-mail: [fadaltro@gmail.com](mailto:fadaltro@gmail.com)

Lucas Valentim Rocha é aluno regular no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Dança da UFBA (2012), bolsista Capes. Possui graduação em Dança pela UFBA (2007) Dançarino, ator, coreógrafo e produtor cultural, é integrante do Núcleo VAGAPARA desde de sua formação em 2007. Email: [lucas.valentim0@gmail.com](mailto:lucas.valentim0@gmail.com)